

Mateus 18

A ilusão de grandeza está presente no coração do Homem desde o Éden. Quando Satanás contaminou a mente e o coração de Eva e Adão, a sua concupiscência inclinou-os a desejar "ser como Deus". ([Gn.3:1-7](#)) A Queda não foi lição suficiente para afastar essas intenções do coração humano. Com o tempo elas refinaram-se, ocultaram-se, *ciêncizaram-se*, politizaram-se, vestiram-se de piedade religiosa, mas, continuam arraigadas no mesmo mal: queremos ser como Deus, para tomar o lugar de Deus, e não precisarmos mais de Deus. O pecado mostra assim a sua face.

Perante a escalada de glória de Jesus percebida pelos discípulos, eles cuidam de defender os seus interesses: "Quem será o maior no reino dos Céus?". Apesar de acompanharem o Cristo para onde quer que Ele fosse, eles ainda não reconheciam nem entendiam o real escopo da Sua Missão. Jesus chama uma criança que brincava por perto e apresenta-a no meio deles. Começava aqui a lição acerca da grandeza do Reino.

Contrariamente ao que julgavam, a pergunta dos discípulos colocava-os mais longe de entrarem no Reino. O seu manifesto interesse em se qualificarem bem para alcançarem honras de estado no Reino, mascarava um problema recalcado no fundo dos seus corações - a mesma ilusão de grandeza do Éden. O olhar perscrutador do Senhor-que-tudo-vê conhece até as intenções do coração. A menos que no seu coração se tornassem como crianças o Reino estaria para sempre longe deles. A simplicidade, honestidade, humildade, e dependência são as virtudes que Deus procura. E, as maiores qualificações dos eleitos do Reino.

O pecado, por outro lado, é o único entrave à entrada. Por isso, ele deve ser levado a sério por todos quantos querem ver, entrar e permanecer no Reino de Deus. Ao invés de nos esforçarmos por preservar os nossos corpos - tendência universal de todos os tempos, e em particular deste, em que a imagem é tudo - devemos ir até às últimas consequências para preservar a nossa alma do pecado que nos rodeia. Pois, de que nos serve a glória do mundo se perdermos a glória de Deus? ([Mt.16:26](#); [Mc.8:36](#); [Lc.9:25](#))

Considerando tão solene aviso, a nossa luta contra o pecado não deve parar naquilo que a nós diz respeito, mas, deve levar-nos a agir para livrar o nosso próximo de igual perigo. A comunidade cristã torna-se assim um espaço de cooperação, cura, restauração, e crescerá na excelência de santidade que Deus deseja. No Reino de Deus não há lugar para narcisismos,

egoísmos, vaidades, nem sobrançerias. Se o meu irmão cai, o meu único desejo deve ser levantá-lo de novo.

O nosso esforço na luta contra o pecado, embora útil, desejável e piedoso, não é, no entanto, a chave que nos abre a porta do Reino. É apenas um reflexo da nossa permanência. A parábola do rei e dos servos devedores constitui, pois, o ponto fulcral da lição de Jesus. É em torno desta história que se entende tudo quanto Jesus quer ensinar. Um rei. Dois servos. Duas dívidas. Há alguns aspectos vitais na história. Primeiro, o Rei - figura evidente do Senhor Deus - sabe cuidar bem dos Seus negócios: o dia de pedir contas chega sempre. Perante o Rei, os servos só podem reconhecer que estão em dívida e que a sua dívida é impagável - os 10.000 talentos correspondem a 60.000.000 dias de trabalho, ou seja, 191.693 anos de trabalho, ou seja, 2738 vidas. A misericórdia, graça e perdão do Rei podem ser desbloqueados pelo arrependimento e confissão, que por sua vez são confirmadas pela transformação do coração do servo, evidenciada no modo como lida com o pecado dos outros.

A ilusão de grandeza dos discípulos é desconstruída pela visão clara da única coisa Grande no Reino: a Misericórdia, Graça e Amor do Senhor Deus que perdoa pecados, e recebe os contritos de coração.